

LAT-2410

**TECNOLOGIAS DA INTELIGÊNCIA, CIBERESPAÇOS, CIBERCULTURA,  
SOCIEDADE DIGITALIZADA, TRANSNAÇÃO: ESTAMOS SITUADOS?**

Marta Alves de Souza

Docente da Universidade Paulista – UNIP – Campus de Bauru

Bibliotecária da Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Bauru

Martasou@uol.com.br

**Resumo**

Bibliotecas, Tecnologias, tudo intimamente relacionado. Pensar em sistemas de informação e não pensar em tecnologias parece completamente impossível, todos têm sido unânimes em perceber a importância dessas últimas no dia-a-dia de nossas bibliotecas, porém é importante saber como estas tecnologias estão sendo usadas e como os bibliotecários sentem seu uso. Os receios ainda são grandes por parte dos profissionais, muitos sentem medo de perder sua lugar para profissionais da área de informática, ou mesmo, perdê-lo para as máquinas. O mundo está em mutação, já não se fala em era da informação mas da pós-informação, não se fala em cultura mas em cibercultura, em sociedade digitalizada, em ciberespaços e transnação, por outro lado as bibliotecas e os bibliotecários continuam sendo os mesmos só que os espaços de inserção são outros, mesmo que o tradicional ainda exista. Este trabalho focaliza as principais discussões em relação as tecnologias da inteligência, a cibercultura, o virtual e coletividade buscando trazê-las para o fazer biblioteconômico, resgatando conceitos tecidos pelos atuais pensadores das tecnologias da inteligência.

EIXO TEMÁTICO: Técnicas e Tecnologias na BU do Século XXI

## Introdução

Tecnologias da informação, tecnologias da inteligência, inteligência coletiva, cibercultura, ciberespaços, sociedade digital, transnação, quantos termos permeiam nosso dia-a-dia, quantos termos novos estão sendo cunhados a cada dia para designar um mundo novo que está despontando e apontando para todos a cada momento.

O universo biblioteconômico já não é mais o mesmo assim como o mundo já transcende qualquer expectativa com relação ao futuro, tudo é muito virtual, todos estão sendo virtualizados em seu mundo real.

Em relação ao virtual é importante resgatar Lévy quando diz:

"o virtual, rigorosamente definido, tem somente uma pequena afinidade com o falso, o ilusório ou o imaginário. Trata-se, ao contrário, de um modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata." (1996, p.12)

E as bibliotecas virtuais? E a virtualidade da profissão do bibliotecário? Como será que estamos situados nesse mundo cibernético? Muitas são as perguntas e reflexões que nós levam a pensar em nosso fazer, em nossa técnica e em nossa prática profissional, precisamos nos situar.

Primeiro para que possamos estar situados é necessário conhecer o que pensam alguns dos principais teóricos dos últimos tempos e tentar resgatar as idéias básicas destes com relação aos portais que se abrem a cada dia para nós, afinal estamos vivenciando uma evolução tecnológica causada pela passagem do átomo para o bit e porque não dizer um reencantamento como bem coloca Moran:

"Há um novo reencantamento pelas tecnologias porque participamos de uma interação muito mais intensa entre o real e o virtual. Me comunico realmente estou conectado efetivamente com milhares de computadores e ao mesmo tempo, minha comunicação é virtual: eu permaneço aqui, na minha casa ou escritório, navego sem mover-me, trago dados que já estão prontos, converso com pessoas que não conheço e que talvez nunca verei ou encontrarei de novo." (1995, p.25)

Estamos todos nos encantando com as tecnologias, não só nos encantando como reecantando, afinal nosso período de encantamento já passou, agora precisamos trabalhar com essas tecnologias, agora precisamos assimilá-las, degluti-las e principalmente usá-las, não há mais tempo para ficar só olhando, esperando o "trem" da história passar, tudo é tão rápido, mal nos acostumamos com um software e hardware e outro melhor e mais rápido já se encontra no mercado e o que usamos parece obsoleto, a indústria tecnológica cresce vertiginosamente e não há tempo a perder.

Enquanto profissionais da informação as cobranças são grandes, todos querem que saibamos de tudo o mais rápido possível, viramos um "papa-léguas" nas bibliotecas que atuamos. Ao que parece a humanidade está sendo reinventada, tudo é muito rápido, a incidência de tecnológica é muito grande e neste emaranhado todo é preciso se situar.

### **Situando...**

Para que nos sintamos situados é necessário que realmente tenhamos a compreensão do que nos cerca, do mundo em que estamos vivendo e de como podemos trabalhar e porque não, nos divertimos nesse mundo. Temos vivido entre dois mundos, entre dois amores, um mundo

analógico e um digital, um mundo real e um mundo virtual, as bibliotecas e nós na verdade estamos um pouco em cada um desses espaços, porque ainda vivemos de forma bastante analógica. Negroponte afirma que:

"o mundo, como o percebemos, é um lugar bastante analógico. De um ponto de vista macroscópico, ele não é digital, mas contínuo." (1995, p.20)

Vivemos num continuum com o pé em duas estradas, estamos diante de muitas tecnologias, cada uma dessas invadindo nosso mundo e nos fazendo aprender e apreender cada vez mais, precisamos correr, por outro lado existem alguns que não querem correr, afinal tem também os apocalípticos, que acreditam que tudo isso vai acabar nos transformando em escravos tecnológicos e não vamos mais nos libertar. Não importa, o que importa é que assim como existem os apocalípticos existem os otimistas, que acreditam que toda essa parafernália tecnológica irá nos aproximar cada vez, afinal tudo fica tão perto, nessa transação.

Por outro lado, se estamos vivendo uma grande revolução tecnológica, assim como a humanidade já vivenciou outras, o caso da revolução industrial, essa primeira parece se consumir em curto espaço de tempo, pois o homem está convertendo a rede na base de criação de riqueza nas economias do mundo inteiro, como coloca Cebrian em sua afirmativa:

"Da mesma forma que as redes de energia elétrica, as estradas, as pontes e outros serviços constituíam a infra-estrutura de nossas velhas economias baseadas na indústria e na exploração dos recursos, a rede está se convertendo na infra-estrutura de uma nova economia do conhecimento." (1999, p.14)

E o mesmo autor ainda segue afirmando:

“Estou convencido de que nenhuma sociedade pode ter êxito na economia global se não contar com uma infra-estrutura sofisticada da rede e com usuários ativos e bem informados” (Cebrian, 1999, p.14)

Entramos num novo milênio, as pessoas parecem ter antecipado a entrada do novo século posto que mesmo sabendo que este se inicia em 2001, insistirão em comemorar sua chegada em 2000, isso parece refletir a própria pressa do homem em correr atrás do tempo o que parece significar estar plugado, on-line, conectado, enfim estar tecnologicamente acessível.

A frase “quem tem informação tem poder” já está meio batida, hoje mais que esta frase permeiam frases do tipo: “recuperar tanta informação”, “privacidade na transação” e a própria questão dos direitos autores. Os americanos preocupados com a questão da legislação para a tecnologia digital têm procurado reestruturá-la ao que eles chamam de *intellectual property*, na verdade todos se preocupam com isso, e ao que parece são muitas as questões nesta transação que tem seus próprios códigos de conduta, com regras particulares, comportamentos comuns entre seus cidadãos que fazem parte dessa sociedade digitalizada, afinal essa sociedade é uma nova nação cercada de informação por todos os lado, deixando de lado se todas elas são relevantes ou não, não cabe aqui a discussão.

Em artigo publicado na revista Exame um legendário empresário americano chamado Andy Grove fez uma previsão, segundo este daqui a cinco anos, ou as empresas estarão na Internet ou não serão mais empresas. Terão desaparecido. Parece assustador, porém se analisado como anda o crescimento da Internet fica fácil perceber a afirmativa do ex-presidente da Intel, produtora americana de chips. Se este prognostico são para as empresas, o que pensar das bibliotecas, será que terão o mesmo caminho?

Com estas as coisas podem ser um pouco diferentes, mas por outro lado não tão diferentes, as bibliotecas tradicionais, com acervos palpáveis e mesas de estudo parece que ainda não estão com seus dias contados, mas com certeza terão que se adaptar a estes novos rumos tecnológicos, afinal parece que se não está no ciberespaço, não está em lugar nenhum. Lembrando McLuhan quando afirma que:

“...todas as tecnologias são extensões de nossos sistema físico e nervoso, tendo em vista o aumento da energia e da velocidade. Não havendo tais acréscimos de força e rapidez, novas extensões de nós mesmos não ocorreriam ou seriam rejeitas. Um aumento de força ou velocidade, em qualquer agrupamento, constituído por quaisquer componentes que sejam, já é em si mesmo uma ruptura que provoca uma mudança de organização.” (1964, p.109)

Mudança de organização, é nessas duas últimas palavras colocadas por McLuhan que devemos nos ater, é importante frisar também mudança de postura profissional, hoje não cabe mais o medo do tecnológico pelo simples fato de que ou você decifra-o ou ele te devora, bem a exemplo do enigma da pirâmide, e isso é válido para todo mundo, principalmente para profissionais que trabalham com um produto tão disputado em nossos dias: Informação. Em matéria da Revista Exame foi divulgado uma nota mostrando que de acordo com estudo feito por pesquisadores da Universidade do Texas, a economia da Internet vem crescendo a uma taxa média de 175% ao ano desde 1995. As estimativas do governo americano sugerem que, em 2006, metade dos trabalhadores americanos esteja em empresas do setor ou que seja grande usuária das

novas tecnologias<sup>1</sup>. E aqui é importante ousar dizer, já nem tão novas assim. Então só resta aos profissionais da informação se situarem.

### **Do Único ao Coletivo**

No ciberespaço somos únicos mas também não tão únicos, somos únicos porque em nossa solidão nos sentamos em frente ao computador e navegamos, surfamos nas ondas da Internet, acabamos sendo viajantes solitários em suas ondas, porém, nos deparamos a qualquer hora do dia ou da noite com inúmeros solitários que também estão fazendo o mesmo, daí a idéia de coletividade, deve-se pensar em termos de inteligência coletiva, o que tenho posso e devo compartilhar, mais o que é inteligência coletiva?

Levy responde essa questão, definindo inteligência coletiva como:

“É uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências.” (1998, p.28)

E ainda acrescenta que:

“a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas, e não o culto de comunidades fetichizadas ou hipostasiadas.” (1998, p.29)

Não resta dúvida que depois dessa sociedade digitalizada não somos mais os mesmos, mudamos, não detemos mais algo só para nós, o que é nosso é universal, bastou cair na rede “que é peixe”, não devemos mais pensar em “minha biblioteca”, “minha rede”, “meu catálogo”, tudo

---

<sup>1</sup> Revista Exame, p.125, ano 33, n.17, 25 de agosto de 1999.

isso agora é nosso, é distribuído, porque se não o for, não interessa, não estaremos on-line, não faremos parte dessa coletividade, não compartilharemos. Temos que descentralizar, não podemos mais ser o centro, na verdade precisamos fazer parte do coletivo, caso contrário não estaremos na transnação. Os relacionamentos são novos... “Olá! De onde tecla?” essa parece ser a nova pergunta.

Nosso CIC, RG, não interessa, interessa sim, nosso e-mail, qual é? Nome, não, nick, nessa transnação temos um nick, apelido em português, nem todos querem ser reconhecidos, afinal também são novas formas de amor, onde “qualquer maneira de amor vale a pena”. O horário nobre, não há, como diz Nicolas Negroponte: “Horário nobre é o meu” e é mesmo, eu faço meu horário, qualquer hora é hora e qualquer dia é dia, a rede está lá, o mundo borbulha nela. E por falar em nick, não devemos esquecer o idioma e os símbolos, nessa sociedade digitalizada permeiam um idioma universal, o inglês, tudo começou lá, nada mais justo, e uma simbologia própria, onde: []s = abraços, alegria = :-), tristeza = :-( , brb já volto, :( (chorar, B) usando óculos, isso só para citar alguns exemplos, a lista segue vasta. Como não podia deixar de ser assim como em nosso mundo real no virtual também existem seus códigos de etiqueta, exemplo: não é recomendável escrever algo em caixa alta, exceção se a pessoa estiver querendo chamar a atenção para o texto, pois é falta de educação.

E nós? E nós bibliotecários? E nossas bibliotecas? Continuamos os mesmos? Não, muita coisa está mudando, nós estamos mudando, nossas bibliotecas mudaram, compartilham informações, estão on-line, se ainda não estão, estarão em breve, já não pensamos em “minha biblioteca”, “meus bibliotecários”, pensamos: nossa biblioteca, nossos bibliotecários, viramos cidadãos do mundo, fazemos parte da transnação, estamos plugados, on-line, conectados ou qualquer outro termo que convier.

## **Afinal, Somos Digitais?**

Responder essa pergunta parece complicado, primeiro talvez devemos pensar no que é ser digital? Se pensarmos que ser digital é algo como: está plugado, saber navegar nas ondas da Internet, ter endereço eletrônico, trabalhar em uma biblioteca que está na rede, então, somos digitais, ou será que estamos digitais? Ai a questão fica no ar para que cada um possa refletir sobre o assunto.

Em relação ao digital não parece lícito fazer exercícios de futurologia, até mesmo os mais digitais têm evitado tal coisa, afinal parece termos perdido as rédeas do futuro e não dá mais para prever nada, o que dá para saber é que cada vez seremos mais digitais ou estaremos mais digitais. Isso é um fato.

As palavras de ordem parecem ser: conexão, sociedade digital, rede, inteligência coletiva, on-line e cibercultura.

Essa sociedade digital com certeza não irá resolver todos os problemas do mundo e muito menos os problemas do dia-a-dia de nossas bibliotecas, porém representa um novo espaço de comunicação e informação e aos profissionais envolvidos nesses dois universos cabe explorar as potencialidades positivas que estão emergindo.

Como já foi dito anteriormente existem os apocalípticos e os otimistas, aos primeiros é bom lembrar usando de Lévy:

“Aqueles que denunciam a cibercultura hoje têm uma estranha semelhança com aqueles que desprezavam o rock nos anos 50 ou 60. O rock era anglo-americano, e tornou-se uma indústria. Isso não

o impediu, contudo, de ser o porta-voz das aspirações de uma enorme parcela da juventude mundial. Também não impediu que muitos de nós nos divertíssemos ouvindo ou tocando juntos essa música.” (1999, p.11)

Gutenberg quando da invenção da imprensa também foi alvo dos que achavam que aquilo não daria certo e que seria um desastre, foi assim também quando a televisão foi inventada e poderíamos ficar aqui citando inúmeros exemplos, porém os já citados nos bastam para mostrar que o tecnológico já está em nosso dia-a-dia, já estamos digitais, precisamos explorar e fazer bom uso disso, precisamos usar desses aparatos e sermos profissionais digitais em nossas bibliotecas virtuais que podem continuar sendo reais, afinal um não exclui o outro.

### **Será que dá para Concluir...**

Tentando fechar essas reflexões mas não encerrar a discussão, porque esta ainda vai longe, é importante percebermos que o mundo mudou, a Internet é um grande fenômeno de comunicação de nosso século, tal qual foi a do rádio e da televisão quando estes despontaram, ela não é igualitária, embora sua proposta seja de igualdade, elo de ligação entre todos, ainda é excludente, encontramos na Internet a mesma desigualdade que estamos sujeitos em nossa sociedade real nela também temos os “donos” do poder.

Nas bibliotecas temos nossos arsenais de informação, na Internet temos um universo magnífico de informações a nossa disposição e é preciso muita disposição para surfar em suas ondas, também é preciso disposição para fazermos parte desta transação, porque muitos ainda têm barreiras a serem vencidas, barreiras consigo mesmos.

Se desejamos continuar profissionais da informação, então não resta outro caminho precisamos pega as ondas da Internet e navegar, já não estamos mais numa sociedade da informação, fazemos parte da sociedade da pós-informação e então só resta-nos arregaçar as mangas e pegar esse o “trem” da história.

Finalizando com Cebrián:

“Haverá quem pense que tais pessoas, literalmente dependentes de um fio, poderão ser manejadas se puxadas por ele, como se fossem modernas marionetes eletrônicas. Outros descobrirão, ao contrário, as possibilidades de liberação que navegar pelo novo espaço da cibernética pode proporcionar aos habitantes do planeta no próximo milênio. Para que este último se torne realidade, é preciso que os sacerdotes da nova religião saiam de seus recém-inaugurados conventos e abandonem a linguagem crítica que os enfeita.” (1999, p.47)

Se não nos situamos, precisamos fazê-lo e com certeza para ontem.

### **Referências Bibliográficas**

CEBRIÁN, Juan Luis. **A rede**. Trad. Lauro Machado Coelho. São Paulo: Summus, 1999. 157p.

LEVY, Pierre. **O que é virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: 34, 1996. 160p.

\_\_\_\_\_. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. Trad. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 1998. 212p.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: 34, 1999. 264p.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Trad. Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964. 407p.

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e o reencantamento do mundo. **Revista Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro, v.23, n. 126, p. 24-26, set./out. 1995.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das letras, 1995. 231p.